

País trata errado da dívida, diz professor

Ex-Diretor
O ex-diretor da Área Externa do Banco Central (nos três primeiros anos do atual governo) e professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), Carlos Eduardo de Freitas, disse ontem que o Brasil adota "comportamento psicopático" (de doentes mentais) em relação à dívida externa. "O país paga os juros em dia, mas preserva a imagem de mau devedor" — afirmou Carlos Eduardo, ao condenar a ilusão do governo brasileiro de que os credores externos terão boa vontade com o Brasil.

Em palestra sobre a dívida externa e a reestruturação do sistema financeiro mundial, na UnB, o ex-diretor do Banco Central defendeu o endurecimento e até mesmo o confronto com os credores, ao contrário da estratégia desenvolvida pelo ministro da Fazenda, Mailson Nóbrega. "A solução para a crise cambial brasileira só virá com o enfrentamento efetivo do problema, sem esperar que o tempo tudo miresse ou que os credores adotem imposições simpáticas" — observou Carlos Eduardo.

Segundo ele, o Brasil consegue hoje somar as desvantagens de bom e mau pagador. No que qualificou de "pior dos mundos", o ex-diretor do Banco Central lembrou que os bancos credores exigem o pagamento integral dos juros da dívida de um bom devedor e, ao mesmo tempo, negam a liberação de dinheiro novo ou a inclusão do país no Plano Brady para a redução do principal e dos encargos, com a

conceituação do Brasil como mau pagador.

Carlos Eduardo ressaltou que a culpa pelo comportamento doentio em relação à dívida externa não se restringe ao governo e sim a toda a elite brasileira. Lembrou que qualquer tentativa de introduzir ingrediente novo na renegociação da dívida — como a proposta do ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, de obter o desconto do principal da dívida (antes do surgimento do Plano Brady) — sempre começa a sofrer processo de corrosão no próprio país.

"Os próprios jornais estimulam o noticiário sobre a reação dos banqueiros" — observou o ex-diretor do Banco Central. "Então, passam a ter mais importância as ameaças de corte de créditos de curto prazo, suspensão dos financiamentos do Banco Mundial, quebra de bancos brasileiros e outros anúncios de retaliação. O país cai no ridículo de abandonar propostas de refinanciamento da dívida só porque os bancos credores não gostaram".

Na opinião de Carlos Eduardo, o Brasil deve ter a coragem de enfrentar os credores para dizer que não pode transferir ao exterior poupança doméstica equivalente a 3% do Produto Interno Bruto (PIB), "com brutal desequilíbrio macroeconômico que explica a inflação anual muito acima dos 1.000%". O ex-diretor do Banco Central observou que só perdedores de guerra ou países sob intervenção estrangeira aceitaram, no passado, tamanha sangria de renda interna.